

Orelha para "Quem Tem um Sonho Não Dança", livro de Guilherme Bryan

Hermano Vianna

dezembro de 2003

Como dizem os Racionais MCs, que tiveram sua primeira música lançada em disco em 1988: nada como um dia após o outro dia. Por um tempo achei que os anos 80 iriam definitiva e irremediavelmente passar para a História como uma década perdida, careta, reacionária, cuja principal contribuição para o mundo seria ter inventado os yuppies e a aids. Eu sabia que isso não era a verdade, mas quem disse que o que fica para a História é a verdade? De tanto ouvir, em tantos os lugares, acusações desse tipo, já tinha desistido de dar minha versão dos fatos.

Até que o Guilherme Bryan começou a me perturbar com a idéia deste Quem Tem Um Sonho Não Dança. Eu ficava me perguntando como um garoto que não tinha vivido os anos 80 poderia ter furado o bloqueio da imagem "oficial" da década e se interessado por um tempo que todo mundo dizia só ter produzido besteiro. Quase não dei a entrevista, desconfiado.

Até que também outro dia fui numa festa em Londres, no club mais hypado da cidade, e me senti em Brasília em 1982. Os meninos e as meninas, muitos deles com menos de 20 anos, cultuam todo o estilo de uma época que nunca esperei que pudesse voltar à moda. Mas voltou, fulminantemente. E eu aprendi a tirar onda, interessando todo mundo com meu testemunho de quem tinha vivido no real time tudo o que para as novas gerações é revival ou nostalgia de um tempo que elas resolveram eleger como muito mais bacana que os dias de hoje.

Acredito piamente que essas novas gerações vão lucrar com tal espírito revisionista. Pois - para ser bem "ufanista" - quase tudo o que realmente importa na cultura contemporânea, ou que se tornou fenômeno de massas agora, foi arquitetado nos anos 80. Mais ou menos como os anos 20, que com suas vanguardas inauguraram as novas idéias que iriam florescer nas décadas posteriores até engendrarem a explosão contracultural dos anos 60.

Pois os anos 80 lançaram o computador pessoal, a nova globalização, a cultura digitalizada, a produção independente de mídia, a música eletrônica (hip hop, techno, house), a world music, o cyberpunk e o ciberespaço, a moda da desconstrução e a desconstrução na moda, o início e o fim do pós-moderno, e tantas outras coisas que os anos 90 transformaram em sucessos de massa.

No Brasil, tudo isso se complicava com a entrada na cena cultural de uma geração que tinha sido criada na ditadura, na censura e vendo televisão - e aos poucos ia testando os limites de novas liberdades, liberdades já bem diferentes daquelas que acabaram com o sonho de John Lennon ou motivaram as guerrilhas do CPC ou dos tropicalistas. De repente não éramos também apenas rapazes latino-americanos, mas tínhamos que inventar rapidinho o que queríamos ser, já que os modelos anteriores não pareciam mais combinar com um zeitgeist que em breve veria a queda do muro e de Collor. Era preciso inventar um outro sonho, mesmo não acreditando em sonho nenhum.

Quem Tem Um Sonho Não Dança descreve, com uma riqueza factual impressionante, a batalha da minha geração para inventar um lugar num mundo e num Brasil que nos foram entregues arruinados e esgotados: "olha aí, o milagre brasileiro e a revolução mundial não deram certo, agora vocês se viram!" Diante de um desafio tão avassalador, lendo este livro vejo que até não nos saímos tão mal assim (e como nos divertimos pelo caminho!) Acho até que a nossa trajetória pode deixar pistas para o (a) leitor(a) mais jovem botar pra quebrar e não dançar de jeito nenhum.